



A MULHER EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: DEBATENDO PRECONCEITOS E DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS

Fabiola Jerônimo Duarte de Lira¹
Adilma Gomes da Silva Machado²
Inayara Élide Aquino de Melo³
Nathallye Galvão de Sousa Dantas⁴
Henrique Miguel de Lima Silva⁵

RESUMO

Ao observarmos uma contemporaneidade na qual a mulher ainda é posta em desvantagem em relação aos homens, o presente estudo propõe analisar, através dos marcadores sociais da diferença e tendo como categoria analítica o conceito de Imagens de controle, como a mulher vem sendo representada no material didático de Língua Portuguesa e como tais representações impactam diretamente na consolidação de suas assertividades e manutenção de estereótipos que fortalecem cada vez mais preconceitos e inferioridade em decorrência do gênero. Para tanto, utilizamos as considerações de Collins (2009), Bueno (2020) sobre o conceito de Imagens de controle e as opressões operacionalizadas em relação as mulheres, assim como Hall (2016) no tocante aos marcadores sociais da diferença. Nossas análises serão realizadas tendo como *corpus* a coleção de livros didáticos “Tecendo Linguagens”, da editora IBEP. Ao longo de nossas análises, constatamos que ainda é recorrente no livro didático situações nas quais o gênero feminino é mantido ainda através de concepções patriarcais, isto é, a mulher ainda é vista como alguém destinada às atividades domésticas e cuidados com os filhos. Assim, nossa pesquisa surge como um ato de questionamento e reflexão, em busca de uma sociedade igualitária e justa, destituída de preconceitos e visões estereotipadas.

Palavras-chave: Mulher, Marcadores sociais, Imagens de controle, Gênero.

1 INTRODUÇÃO

A mulher, historicamente, foi posta em uma condição de desigualdade em relação aos homens. Sendo considerada como hierarquicamente inferior, além de ter seu papel

¹ Doutoranda em Linguística pelo PROLING/UFPB sob orientação do Prof. Dr. Henrique Miguel de Lima Silva – UFPB – fabiolla-mf@hotmail.com;

² Mestra em Linguística e Ensino pelo MPLE/UFPB sob orientação do Prof. Dr. Henrique Miguel de Lima Silva – UFPB – adilmalibrasp@gmail.com;

³ Mestra em Linguística e Ensino pelo MPLE/UFPB sob orientação do Prof. Dr. Henrique Miguel de Lima – UFPB – Silva.inayara.elida@academico.ufpb.br;

⁴ Mestranda Proletras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – nathallye.galvao.sousa.dantas@aluno.uepb.edu.br;

⁵ Pós-doutorado em Ensino pela UERN. Docente efetivo do DLPL/UFPB. Professor permanente dos Programas de Pós-graduação em Linguística e Ensino - MPLE e Programa de Pós-graduação Linguística - PROLING, ambos da UFPB. E-mail: henrique.miguel.91@gmail.com;



social relegado à maternidade e ao matrimônio. Este processo de inferiorização erigido por meio do patriarcado ainda está presente em nosso meio social, mediante diversas representações e estereótipos que endossam as distinções entre homens e mulheres.

Assim, esta pesquisa surge como um dos desdobramentos de uma análise realizada na coleção de livros didáticos de língua portuguesa da coleção “Tecendo Linguagens”, da editora IBEP. Nesta coleção, notamos que, apesar de vivermos em uma sociedade na qual muitas realidades foram transformadas, principalmente de lutas empreendidas por meio de movimentos como o feminismo, ainda é perceptível o preconceito, os estereótipos e a violência em relação à mulher.

Por isso, mediante o entendimento de que estes estereótipos funcionam como uma exposição simbólica e que “podem caracterizar-se como uma ideologia, ou produzindo um efeito ideológico quando atuam na imposição e legitimação de dominação, servindo a interesses de grupos específicos da sociedade e não a sua totalidade social” (Serbena, 2003, p. 6), emerge a preocupação de desarticular estes estereótipos, para que se compreenda que a mulher, em nossa atualidade, ocupa diversas posições sociais, profissões e funções que vão além do ambiente doméstico e dos cuidados apenas com a família.

Portanto, ao longo de nossas análises, constatamos que ainda é recorrente no livro didático situações nas quais o gênero feminino é mantido ainda através de concepções patriarcais, isto é, a mulher ainda é vista como alguém destinada às atividades domésticas e cuidados com os filhos. Assim, nossa pesquisa surge como um ato de questionamento e reflexão, em busca de uma sociedade igualitária e justa, destituída de preconceitos e visões estereotipadas.

2 A MULHER NO IMAGINÁRIO SOCIAL

Na concepção de Hall (2016), representar seria um meio de produção dos significados dos conceitos que estariam em nossa mente. Assim, representar é exteriorizar e propagar concepções que estão presentes no imaginário, por meio do inculcamento de concepções reformuladas e repassadas pelo meio social.

Na representação também há a manutenção de preconceitos, desigualdades e, principalmente, a propagação do poder e controle social sobre corpos (Duarte, 2023). Alargando diferenças e mantendo o privilégio de determinados sujeitos (Hall, 2016). Sem dúvida, uma dessas diferenças é a que existe entre o gênero feminino e masculino, uma



vez que, historicamente a mulher foi colocada como inferior e submissa ao homem. Neste sentido, Narvaz e Koller (2006, p. 51) afirmam que:

o corpo e a sexualidade das mulheres passaram a ser controlado, instituindo-se então a família monogâmica, a divisão sexual e social do trabalho entre homens e mulheres. Instaura-se, assim, o patriarcado, uma nova ordem social centrada na descendência patrilinear e no controle dos homens sobre as mulheres.

O patriarcado, dessa forma, trouxe efeitos sociais que naturalizaram a colocação da mulher como inferior ao homem e em diversos aspectos, como nas hierarquias familiares, sociais e trabalhistas. Por isso,

a condição de inferiorizada pelo homem continua, além de ser inferiorizada pelo esposo por meio dos abusos domésticos, de ter de servir ao homem e satisfazer aos seus desejos masculinos, como sendo obrigação da mulher, os capatazes das fábricas sentem-se no direito de abusarem sexualmente das mulheres e os proprietários dos meios de produção, de explorarem sua força de trabalho. (Lop, 2009, p. 233).

Como vítima da justificativa de uma inferioridade natural em relação aos homens, a mulher passou a ter seu papel restrito às atividades domésticas, ao casamento, à maternidade e às profissões inferiores as dos homens e com salários desvantajosos. E, mesmo após tantos anos e diversas lutas em prol da reparação dessa visão social sobre a mulher, ainda se percebe a propagação de situações que destituem as mulheres de estarem em “pé de igualdade” com os homens.

Embora a constituição de 1988 coloque homens e mulheres como iguais em direitos e deveres, ainda é natural observarmos as mulheres em profissões inferiores e inseridas em diversas situações nas quais as mulheres são vítimas de agressões apenas em decorrência do gênero que possuem.

Por isso a importância de refletirmos sobre como as mulheres são representadas, sobretudo em materiais didáticos, dado que estes materiais estão presentes em diversos contextos educacionais e servem como um meio de formar a identidade e as percepções dos sujeitos que os utilizam (Duarte, 2023). Fazendo com que determinadas realidades sejam conforme são representadas (Hall, 2016) e tornando naturais a propagação do preconceito e de desigualdades.

Ademais, a perpetuação de situações nas quais a mulher ainda permanece sendo inferiorizada funciona como uma imagem de controle. Termos descritos por Collins



(2009) e que corresponde a um determinado discurso sobre estereótipos e representações que favorecem desigualdades e que naturalizam determinadas violências (Bueno, 2020).

Por consequência, tais imagens de controle são massivamente disseminadas para que opressões e desvantagens sociais sejam mantidas e façam com que os sujeitos representados em nessas imagens de controle sejam lidos como culpados, em muitos casos, por suas próprias agressões.

3 METODOLOGIA

O material didático analisado consiste em uma coleção de livros didáticos de Língua Portuguesa, isto é, a coleção “Tecendo Linguagens”, de autoria de Tânia Amaral e Lucy Aparecida e disponibilizada pela editora IBEP no PNLD de 2018. É uma coleção composta de 4 livros didáticos e que contemplam as séries de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, como podemos observar nas capas dos livros que aparecem abaixo.

Figura 3 – Livro didático do 6º ao 9º ano da coleção “Tecendo Linguagens”





Fonte: Elaboração própria (2023).

A coleção apresenta situações nas quais há a presença feminina, porém, arraigadas a estereótipos redundantes em relação às mulheres, como, por exemplo, em situações de “comprar eletrodomésticos (altamente consumista), cuidar da casa, ser mimada e controlado pelo pai, assim como, quando criança, a redução a brincar de bonecas e limpar a casa.

Estas situações, por mais que aparentem ser despreziosas, na verdade, servem para incutir no imaginário dos discentes a concepção de que cuidar da casa e dos afazeres domésticos são apenas atividades restritas às mulheres. Reforçando, dessa forma, estereótipos negativos sobre não apenas o que é ser uma mulher, mas também sobre as profissões, espaços e funções que as mulheres podem ocupar no nosso meio social.

Assim, mediante o entendimento de que estes estereótipos funcionam como uma exposição simbólica e que “podem caracterizar-se como uma ideologia, ou produzindo um efeito ideológico quando atuam na imposição e legitimação de dominação, servindo a interesses de grupos específicos da sociedade e não a sua totalidade social” (Serbena, 2003, p. 6), emerge a preocupação de desarticular estes estereótipos para que se compreenda que a mulher, em nossa atualidade, ocupa diversas posições sociais, profissões e funções que vão além do ambiente doméstico e dos cuidados apenas com a família.



Logo, após realização de uma análise da coleção, constatou-se a presença de algumas situações nas quais a mulher ainda permanece sendo retratada por meio de concepções patriarcais, conforme podemos observar nas análises descritas abaixo.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Segundo Chies (2010), as profissões relegadas às mulheres são, em sua maioria, profissões que envolvem cuidados, como, a exemplo, enfermagem e a docência. A colocação da mulher em profissões como estas ou apenas como cuidadoras do lar fazem parte de uma desigualdade entre os gêneros fincada pelo patriarcado e que ainda serve para controlar a forma como a mulher é observada em nosso meio social.

Assim, ao analisarmos a coleção “Tecendo linguagens”, percebemos que uma das profissões recorrentes no livro e estritamente relacionada à mulher é justamente a profissão de professora, como podemos observar nas duas imagens abaixo.

Figura 2 – A mulher como docente



Fonte: Coleção “Tecendo Linguagens” (2018)

Notamos que, independentemente da raça, ou melhor, de ser branca ou negra, o gênero feminino prevalece como sendo majoritariamente docente. Pondo a mulher em uma profissão que não requer esforços físicos e que envolve apenas a guarda, o cuidado, o ensinamento e zelo para com seus alunos. Nesse caso, ao colocar a mulher como docente, é retomado o estereótipo de que a mulher “nasceu” para dedicar-se aos cuidados

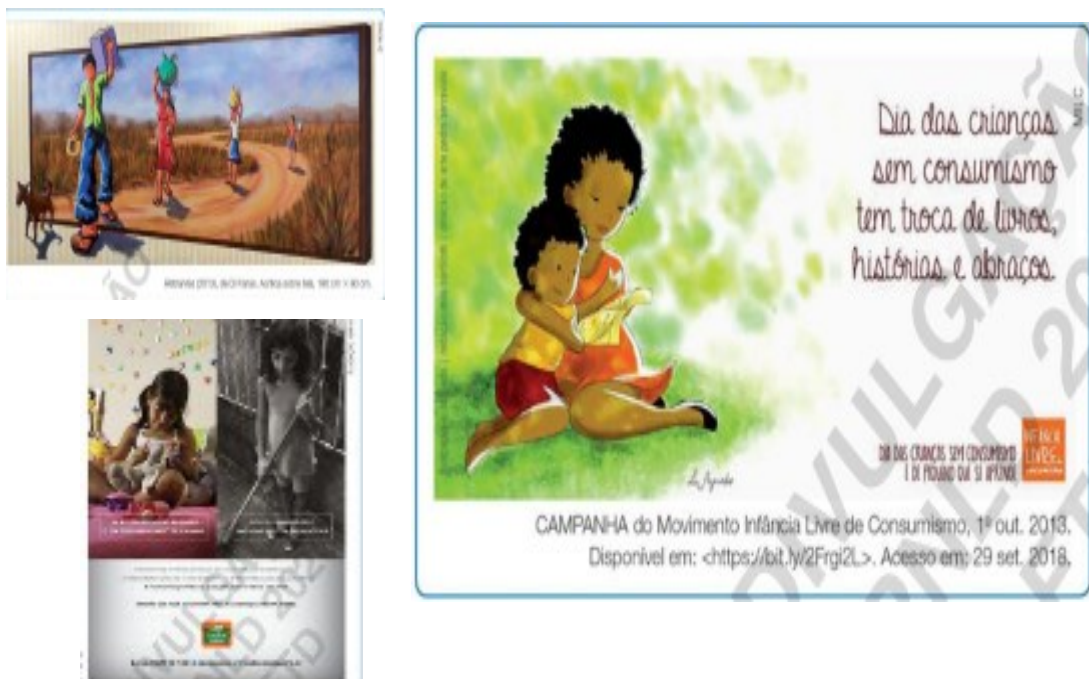


e a educação dos seus filhos e, na condição de docente, suas habilidades em cuidar de seus filhos, ou melhor, sua natureza materna a auxilia no desenvolvimento de ações como professora.

Ademais, a profissão de docente seria uma função na qual a mulher não precisaria ter nenhum desgaste físico e estaria, como já dito anteriormente, apenas exercendo as habilidades que são inerentes às atribuições de seu gênero. À vista disso, além de estar exercendo uma função “leve”, também não estaria se desgastando físico e mentalmente, dado que além de já está acostumada a exercer um papel semelhante dentro do seu próprio lar, não estaria cansada quando retornasse para os cuidados do seu lar.

Outra representação da mulher seria a mais recorrente de ser observada, ou seja, a mulher na condição de cuidadora do lar e responsável pela educação de sua prole, com exposto nas situações presentes na Figura 3.

Figura 3: A mulher como cuidadora do lar



Fonte: Coleção “Tecendo Linguagens” (2018)

O papel da mãe ainda remete ao cuidado dos filhos, enquanto o papel do pai seria apenas o papel do sustento e disciplina. Por isso, “a responsabilidade pelas tarefas domésticas e pelo cuidado dos filhos é predominantemente feminina, trabalho (re)produtivo ocultado, negligenciado e desvalorizado pelo contexto social” (Narvaz; Koller, 2006, p. 50).



Como observamos na primeira situação apresentada na Figura 3, temos uma mãe, logo atrás do seu esposo, caminhando com algumas roupas em sua cabeça e seguida por seus filhos. Além da hierarquia descrita na imagem, a mulher carrega algo que faz parte de sua “responsabilidade”, ou seja, o zelo com as roupas da família, o que inclui a lavagem, passar e armazenar para que permaneçam limpas e conservadas.

A atuação doméstica também está presente na segunda situação, na qual nota-se duas meninas com utensílios que remetem a brincadeiras de crianças comuns nas vidas das meninas, e que reproduzem a vivência adulta delas, ou melhor, vão materializando o que seria o papel de uma mulher no futuro: cuidar da casa e dos filhos.

Na terceira situação, temos uma mãe negra que está inserida em uma campanha publicitária que, visando combater o consumismo, sugere a substituição da compra de presentes por afagos e abraços no dia das crianças. Não apenas colocando a mulher, neste caso, a mãe como responsável por impedir que seus filhos se tornem consumidores compulsivos, como também responsável por impedir que seus filhos desenvolvam comportamentos inadequados, a exemplo de ser um consumista exacerbado.

Por fim, na Figura 4, temos uma jovem altamente consumista, sendo que seu consumo faz referência à compra de produtos do lar, como fogão, geladeira, ferro de passar, etc. Algo que representa a mulher como um ser que não teria necessidades e desejos pessoais, dado que até o que almeja comprar seria para o bem estar de sua casa e da sua família, não para o bem próprio.

Figura 4: A mulher como consumista



Fonte: Coleção “Tecendo Linguagens” (2018).



Colocar uma mulher, ou seja, uma possível esposa e mãe como uma consumidora desmedida, expõe a mulher como um ser que não reconheceria nem mesmo a sua própria existência, dado que prioriza a necessidade de outros, não a sua, visto que ela não viveria para si e nem para os seus anseios, e sim, para satisfazer as exigências impostas para o seu papel como mãe, como uma boa esposa e “dona de casa”.

A mulher, como um ser instintivamente destinada à maternidade, segundo os preceitos do patriarcalismo, a partir do momento em que prioriza seus próprios anseios, deixa de cumprir a sua “maternidade normativa” (Narvaz; Koller, 2006). Quando a mulher faz isso, ela, além de ser vista como egoísta, também falha em seu papel como mãe, dado que negligencia a necessidade daqueles que estão sob a sua responsabilidade.

Neste caso, temos uma falha como pessoa (consumismo), mas não uma falha como mãe e cuidadora do se lar, uma vez que estão comprando produtos não apenas por estarem com desconto, mas por supostamente pensar na necessidade e bem estar de sua família.

Dessa forma, mediante algumas situações aqui apresentadas, percebemos que a mulher vem sendo representada, em nossa contemporaneidade, ainda sob um determinado controle acerca de como deve agir e qual o principal papel que ocupa no meio social. A mulher, para a sociedade, ainda é aquele ser frágil e que é responsável por ter e cuidar dos filhos. Quando, na verdade, muitas mulheres não observam a maternidade como um propósito de vida ou não se observam em profissões consideradas como de mulheres, a exemplo da profissão de professora.

E manter estereótipos assim, sobretudo em materiais didáticos, é uma preocupação, uma vez que estereótipos assim naturalizam a condição da mulher como uma subserviente de seu lar e esposo, ou como um ser que nasceu para viver sob o domínio de um homem, seja este pai, esposo ou chefe.

Estes estereótipos acabam funcionando como imagens de controle que naturalizam para o público, ou seja, para os discentes, o entendimento de que a mulher nasceu nesta condição de inferioridade e que esta é uma realidade que deve ser mantida ou que é intransponível. Quando, na verdade, esta realidade é historicamente combatida por meio de diversos movimentos feministas que lutaram e que ainda lutam para que a diferença imposta pelo gênero seja desarticulada e que realmente vivamos em uma sociedade igualitária e justa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Ao final de nossas análises, constatamos que os estereótipos da mulher como mãe, cuidadora do lar ou em profissões menos prestigiadas são comuns e observadas em diversos contextos, inclusive em livros didáticos, o que se torna uma preocupação, dado que os livros didáticos circulam livremente em diversas realidades educacionais e são vistos como despreziosos. Quando, na realidade, são utilizados como meio para reforçar preconceito, distinções e desigualdades sociais.

Tomar conhecimento de tal realidade é essencial para que tenhamos um olhar mais criterioso sobre o livro didático que é utilizado em sala, assim como também em relação a escolha desse material, visto que podem funcionar como uma porta aberta para a naturalização de desvantagens sociais e manutenção da condição da mulher como inferior ao homem.

Assim, ciente de tal realidade, compete aos professores, bem como a escola propor ações que destitua tais diferenças e que reforcem a importância da conscientização dos discentes em relação ao potencial que não apenas os livros didáticos, mas também a mídia e a internet apresentam na manutenção de determinados privilégios sociais.

REFERÊNCIAS

BUENO, Winne. **Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patrícia Hill Collins**. – Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

COLLINS, P. H. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment**. New York: Routledge. 2009

CHIES, P. V. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. **Revista Estudos Feministas**, v. 18, n. 2, p. 507–528, maio 2010.

DUARTE, Fabíola. J. 2023. **Leitura e semiótica: uma análise acerca dos marcadores sociais da diferença e imagens de controle em livros didáticos de língua portuguesa**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Ensino) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – 17 fev 2023. p.



HALL, S. **Cultura e representação**. Ed. PUC. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 1, p. 49–55, jan. 2006.

SERBENA, Carlos Augusto. Imaginário, ideologia e representação social. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, n. 52, dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/download/1944/4434/15885>. Acesso em: 28 maio 2022.